



A QUESTÃO DO ESPAÇO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA A PARTIR DO CONTO “MAMETO”, DE CIDINHA DA SILVA

Gislaine Imaculada de Matos Silva, Ricardo Magalhães Bulhões

gislaine.matos@ifms.edu.br, ricardoufms1@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

Resumo. *Cidinha da Silva é uma escritora negra brasileira, mineira, autora de 17 livros. O texto tratado neste trabalho é um conto chamado “Mameto”. Em uma breve síntese, o leitor se depara com Mameto, uma mãe de santo “roçona” (lésbica), porém discreta. Certo dia, uma filha de santo a apresentou para uma nova namorada, que era a namorada de uma de suas filhas. Foi um escândalo no terreiro a formação desse novo casal, escândalo relatado pela voz do narrador. No fundo, Mameto pouco se importava e sorria dançando no salão, enquanto os orixás faziam festa, exceto Exu. Quanto se fala da questão do espaço aqui, vai-se além do espaço físico, mas também dos espaços sociais, culturais e históricos ocupados pelos protagonistas na literatura afro-brasileira. Em “Mameto”, o espaço principal é o terreiro, trazendo toda a religiosidade e enredos aos quais a autora utiliza o termo “orixalidades”. Com os ensaios de passos de dança no salão (passos de candomblé, intrinsecamente), “o céu ruborizou um abóbora iansânico” e “Oxum ria um riso de menina arteira”. A autora costuma citar com frequência Exu em seus textos, além de orixás e outros elementos de religiosidade de matriz africana, tornando esses espaços em evidência em sua literatura.*

Palavras Chave. *Literatura afro-brasileira, religião de matriz africana, orixalidades.*

Abstract. *Cidinha da Silva is a black brazilian writer, from Minas Gerais, author of 17 books. The text treated in this work is a tale called “Mameto”. In a brief summary, the reader is faced with Mameto, a “roçona” (lesbian), but discreet mother of saint. One day, a daughter of a saint introduced her to a new girlfriend, who was the girlfriend of one of her daughters. The formation of this new couple was a scandal in the terreiro, a scandal reported by the narrator's voice. In the background, Mameto didn't care and smiled dancing in the hall, while the orixás celebrated, except for Exu. When we talk about the issue of space here, we go beyond the physical space, but also the social, cultural and historical spaces occupied by the protagonists in afro-brazilian literature. In “Mameto”, the main space is the terreiro, bringing all the religiosity and plots to which the author uses the term “orixalities”. With rehearsals of dance steps in the hall (candomblé steps,*



intrinsically), "the sky blushed an iansanic pumpkin" and "Oxum laughed a mischievous girl's laughter". The author often cites Exu in her texts, in addition to orixás and other elements of religiosity of African origin, making these spaces in evidence in her literature.

Keywords. *Afro-brazilian literature, african matrix religion, orixalities.*

Introdução

Maria Aparecida da Silva, conhecida como Cidinha da Silva é uma escritora negra, brasileira. Nascida em Belo Horizonte em 1967, possui 17 livros publicados. Seus livros foram traduzidos em diversas línguas, entre: alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano. Cronista, contista e dramaturga, a autora também escreveu literatura infantil/juvenil e é formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Também é doutoranda em Difusão do Conhecimento na Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde pesquisa políticas públicas para o livro, leitura, literatura e bibliotecas na cidade de São Paulo, na perspectiva de africanidades.

Em uma entrevista ao Canal “Literafro” da UFMG, quando questionada sobre como classifica a literatura que escreve, Cidinha da Silva (2018) explica que existem algumas terminologias que a deixam confortável, como: literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura afro-diaspórica e literatura de autoria negra.

A autora possui um forte engajamento em causas raciais e de gênero, sendo uma voz que rompe o silenciamento imposto a essas minorias por meio da literatura. Seus textos costumam ter um forte posicionamento e revolta contra o racismo.

Sobre a dimensão da escrita de Cidinha da Silva, em uma entrevista ao canal Literafro (2018), a própria autora explica que existem dois vetores na literatura em que ela produz, sendo eles o vetor da igualdade racial e o vetor das africanidades. O vetor das igualdades raciais seria tratar no texto a questão do racismo, da simetria das relações raciais do Brasil, exemplificando em três obras publicadas da autora: Racismo no Brasil e afetos correlatos (2013), Sobre-viventes! (2016) e #Parem de nos matar! (2016), livro este último que trata do genocídio da população negra no Brasil. Já o vetor das africanidades trata da reinvenção do mundo africano, “essa reinvenção de todos os locais de onde nossos ancestrais foram levados de maneira forçada”. (SILVA, 2018).



Nossa cultura não tem o costume de favorecer mulheres, inclusive no mercado editorial, que frequentemente invisibiliza autoras negras e suas histórias. Importante citar que Cidinha da Silva buscou publicar seus livros em editoras que são dedicadas em divulgar literatura de autoras negras e suas histórias, por exemplo: Mazza, Kuanza Produções, Nandyala, Malê, Selo Negro, Pallas, entre outras, editoras estas que estão vindo como força de resistência ao incentivarem essa literatura.

Este artigo tem como objetivo analisar o conto “Mameto” de Cidinha da Silva, presente no livro de contos “Um Exu em Nova York” (Prêmio da Biblioteca Nacional, 2019), publicado em 2018 pela editora Pallas, buscando evidenciar a questão do espaço, que se apresenta de forma diferenciada na literatura afro-brasileira.

Sobre o conto escolhido, tem-se Mameto, uma mãe de santo “roçona” (lésbica), porém discreta. Os filhos chamavam a companheira de tia e até de mãe. Certo dia, uma filha de santo a apresentou para uma nova namorada, que infelizmente era a namorada de uma de suas filhas. Foi um escândalo no terreiro a formação desse novo casal a partir de uma traição, mas Mameto pouco ligava e sorria dançando no salão, enquanto os orixás faziam festa, exceto Exu.

Em busca do conceito de literatura afro-brasileira

Em uma entrevista ao Canal “Literafro” da UFMG, quando questionada sobre como classifica a literatura que escreve, Cidinha da Silva (2018) explica que existem algumas terminologias que a deixam confortável, como: literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura afro-diaspórica e literatura de autoria negra.

Desta forma, em busca de um conceito sobre o que é literatura afro-brasileira, temos Lobo (2007, p. 266), que apresenta:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (LOBO, 2007, p. 266).

Duarte (2019, p. 29) complementa de forma luminosa, sobre quais elementos



distinguiriam essa literatura afro-brasileira.

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (DUARTE, 2019, p. 29).

A partir do século XIX, quando os próprios negros começaram a escrever suas histórias, já se observava a mudança na representação do negro. Segundo o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2019), há cinco aspectos que configuram a literatura afro-brasileira, sendo eles: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. A seguir, breve explicação de cada um dos cinco elementos:

Quanto à temática, de forma geral, diz respeito a abordar não somente o sujeito negro, mas também a história dos negros no Brasil, suas tradições culturais e religiosas. Já com relação à autoria, refere-se ao texto ter sido escrito por uma pessoa negra, sendo que esse dado da raça precisa aparecer na textualidade.

Sobre o ponto de vista, trata-se da visão de mundo a partir do ser negro, da afrodescendência, da experiência do negro e da mulher negra no Brasil. O ponto de vista se desdobra na construção dos personagens e na superação do discurso colonizador.

Acerca da linguagem, que é um dos fatores que compõem a diferença cultural no texto literário, segundo Duarte (2019, p. 38), “a afro-brasilidade tornar-se-á visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil”. Sendo assim, há toda uma semântica própria, que ainda de acordo com Duarte (2019, p. 38), é “empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos da língua”.

Tratando-se do aspecto do público, apenas após a abolição é que se forma um público leitor negro, e esses escritores negros começam a produzir mais literatura, até chegar atualmente aos saraus literários nas periferias, por exemplo.

Dalcastagnè (2017), em uma pesquisa entre literatura e estatística, utilizou um



corpus de 258 romances publicados entre 1990 e 2004. A pesquisadora observou que entre essa vasta amostragem literária, apenas 5,8% dos personagens eram negros. Ainda, Dalcastagnè (2017, p. 223) acrescenta que “convém observar, há uma presença maior de brancos entre as personagens do que na população brasileira”.

Entende-se então, nitidamente, que negros/negras vem sendo excluídos na literatura brasileira de um papel de protagonismo. Entretanto, observa-se ainda um crescente número de escritores e escritoras negras buscando espaço, e podendo retratar sua própria realidade, ou melhor, suas “*escrevivências*”, como diz a premiada escritora negra Conceição Evaristo.

A questão do espaço na literatura afro-brasileira

Em “A poética do espaço” de Gaston Bachelard (1989), há a utilização do termo “*topoanálise*” ao se referir ao estudo do espaço na literatura. Entretanto, o teórico vai um pouco além da simples análise do espaço físico, expressando que “a *topoanálise* seria então o estudo psicológico dos locais de nossa vida íntima”. (BACHELARD, 1989, p. 28).

Partindo disso, vamos imaginar os espaços na literatura afro-brasileira, quais seriam os locais de pertencimento da população negra a serem retratados de forma que se sintam contemplados?

Considerando que os espaços na literatura afro-brasileira podem ser estereotipados, como por exemplo, em “Cidade de Deus”, de Paulo Lins (favela) ou “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus (favela), como se o negro ainda não pudesse ocupar locais de elite, a não ser como funcionários.

Entretanto, Gomes (2007, p.39) acrescenta que há textos em que fogem dos estereótipos:

Em seu espaço, necessariamente, coabitam camadas de protesto e negociação, adaptação e resistência, silêncio e voz, na problematização de questões de identidade, exclusão e alteridade, na reivindicação da autoria de um discurso próprio que recusa estereótipos redutores. (GOMES, 2007, p. 39).

Pressupõe-se então, que o espaço na literatura afro-brasileira, pode se



relacionar diretamente com o espaço que o negro ocupa na sociedade, o espaço como o local de fala que o negro busca, não somente o espaço físico em si.

O espaço no conto “mameto”

Será analisado então o conto “Mameto”, de Cidinha da Silva, destacando trechos para apresentar brevemente a questão do espaço.

No primeiro trecho a seguir temos “as paredes gemiam”, se referindo às paredes do quarto da mãe de santo (Mameto) e de sua companheira. Como se o espaço do quarto fosse somente designado para relações sexuais, além do preconceito de que, por serem lésbicas, só destinam seu tempo para isso.

Também diziam mal do “terreiro que tinha muito roçona”, sendo “roçona” um termo pejorativo para lésbica, usado no Nordeste. Aqui aparece também o espaço do “terreiro”, espaço muito utilizado na literatura de Cidinha da Silva e também muito representativo como local das religiões afro-brasileiras.

Diziam que ali as **paredes** gemiam. Maldade da língua do povo, modo de falar mal do **terreiro** que tinha muito roçona. A começar pela Mameto, que roçava à vera e não escondia de ninguém, mas não colocava letreiro na testa. (SILVA, 2018, p. 51).

Desta forma, é importante destacar aqui que a autora utiliza muito temas como africanidades, *orixalidades*, ancestralidades, racismo, direitos humanos, entre outros. Sobre “orixalidades”, em entrevista à Marcos Candido, da Uol Ecoa (2020), questionada sobre o que na estética artística dos orixás que lhe chama mais atenção, Cidinha da Silva diz:

Não sei se orixás têm uma “estética artística”, eles são uma cosmogonia, eles expressam por meio de seus itãs, de suas narrativas míticas, uma compreensão do mundo. Mais do que isso, eles constroem o mundo a partir de uma determinada ética. Sou eu que bebo dessa ética para construir uma “estética artística”. (SILVA, 2020, online).

Continuando com os trechos do conto Mameto, o próximo diz sobre os filhos de Mameto chamavam a companheira dela também de mãe, ou tia. O maissimbólico aqui é que elas dormiam juntas em cama de casal, com a porta do quartofechada. Essa



porta do quarto fechada entende-se como um espaço de intimidade delas, não somente sexual, mas também um espaço onde pudessem ser elas mesmas, sem os olhares preconceituosos por serem homossexuais.

Acrescenta-se aqui, além do preconceito contra homossexuais, o preconceito religioso, ou também “racismo religioso” (como diz o pesquisador Sidnei Nogueira), que muito comumente sofrem pessoas de religiões de matriz africana.

[...] Os filhos chamam a companheira de tia ou até mesmo de mãe. Elas dormem juntas em cama de casal e com a **porta do quarto fechada**. E ninguém fala no assunto. (SILVA, 2018, p. 51).

Em outro trecho do conto, uma filha de santo de Mameto, apresenta a namorada, que era namorada da filha de sangue de Mameto. Diante desse acontecimento, houve um escândalo entre o povo do terreiro. Enquanto isso, Mameto parecia não se incomodar com o fato, e “cantava e ensaiava passos de dança no salão”. O salão dito neste trecho pode ser o salão onde acontecem as celebrações ou “giras”. Os passos de dança ensaiados podem ser passos de danças de orixás, como ocorre no Candomblé. Ou seja, Mameto não estava nem um pouco preocupada com o escândalo causado com a traição entre as filhas, e seguia cumprindo com seus compromissos como chefe do terreiro.

Em pouco tempo formou-se um novo casal no **terreiro**, para escândalo geral. Mameto sorria, encantada. **Cantava e ensaiava passos de dança no salão**. (SILVA, 2018, p. 52).

No último trecho analisado, temos “o céu ruborizou um abóbora iansânico”. Iansã é a orixá que representa o movimento, conhecida como uma guerreira de personalidade forte, sua cor é vermelho. Desta forma, o tom de abóbora iansânico no céu, no fim do dia, poderia sinalizar uma renovação no ar no terreiro de Mameto, mesmo após o escândalo da traição, tornando aquilo como apenas um episódio aceitável.



Como no poema, os dias mais felizes da vida brotavam como erva benfazeja. **O céu ruborizou um abóbora iansânico** no entardecer dos dias frios. Oxum ria um riso de menina arteira. (SILVA, 2018, p. 52).

O livro “Um Exu em Nova York” de Cidinha da Silva (2018), onde consta o conto “Mameto”, possui uma capa muito icônica e imagética (Figura 1). Exu no Candomblé é um orixá mensageiro, fazendo uma ponte entre os humanos e o divino. Já na Umbanda, são eguns (espíritos desencarnados), em diversos graus de evolução, possuem como um dos propósitos auxiliar o desenvolvimento dos encarnados e podem trabalhar em diversas linhas, entre as mais famosas a encruzilhada. Claro que a definição de Exu vai muito além disso, principalmente pelo fato de ser demonizado por outras religiões.

Tendo esse simples conhecimento que a “encruzilhada”, onde se cruzam as ruas formando um “x” na chamada encruzilhada macho ou um “t” na encruzilhada fêmea, observa-se na capa do livro diversos prédios formando esquinas (encruzilhadas), algo bem representativo quando se fala sobre Exu.

Figura 1 - Capa do livro “Um Exu em Nova York”, de Cidinha da Silva (2018)



Fonte: Silva (2018)



Após a publicação de “Um Exu em Nova York” em 2018, Cidinha da Silva publicou “Exuzilhar” em 2019, mas desta vez uma coletânea de crônicas. Para finalizar, esse neologismo “*exuzilhar*” se torna relevante aqui, já que a literatura desta escritora compreende-se com a já dita *orixalidade*. Segundo Pasko (s.a., online), para Cidinha da Silva:

[...] os orixás não apenas vivem em nós, como também interferem e geram novas atribuições de sentido. Antes substantivos próprios (Oxum, Exu, Ogum), os nomes são adjetivados (*oxúnico*, *exúnico*, *ogúnico*), tornando-se inclusiveverbos (*exuzilhar*). (PASKO, s.a., online).

O mesmo aconteceu com a orixá Iansã, que tornou o tom de abóbora “iansânico”. Outro interessante neologismo de Cidinha da Silva é o termo “encruzilhar”. A autora costuma citar com frequência Exu em suas crônicas e contos, além de orixás e outros elementos de religiosidade de matriz africana, tornando esses espaços em evidência em sua literatura.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: EBLE, Laeticia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina. (Orgs.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores doséculo XVIII ao XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.
- GOMES, Heloisa Toller. Literatura afro-brasileira: espaços de silêncio e voz. **Via Atlântica**, n. 12, dez. 2017.
- LITERAFRO. **Cidinha da Silva**. 24 nov. 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva>. Acesso em: 1 set. 2022.
- LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. 2. ed. Riode Janeiro: Garamond, 2007.
- PASKO, Priscila. Cidinha da Silva e a encruzilhada como escolha literária. **Jornal**



Literário da Companhia Editora de Pernambuco. s.a. Disponível em:
<https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/72-resenha/2167-cidinha-da-silva-e-a-encruzilhada-como-escolha-liter%C3%A1ria.html>.

Acesso em: 2 set. 2022.

SILVA, Cidinha da. **Literafro entrevista Cidinha da Silva.** 22 out. 2018. TV UFMG. (45m33s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fvd07ux8aWQ>. Acesso em: 2 set. 2022.

SILVA, Cidinha da. Orixalidades, africanidades e ancestralidades na obra de Cidinha da Silva. [Entrevista concedida a] Paula Jacob. **Revista Glamour.** 5 mai. 2021. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Cultura/noticia/2021/05/orixalidades-africanidades-e-ancestralidades-na-obra-de-cidinha-da-silva.html>. Acesso em 3 set. 2022.

SILVA, Cidinha da. Quem é a autora negra que mesmo sem contrato grande será lida por milhões? [Entrevista concedida a] Marcos Candido. **UOL Ecoa.** 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/27/quem-e-a-autora-negra-que-mesmo-sem-contrato-grande-sera-lida-por-milhoes.htm>. Acesso em 3 set. 2022.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York.** Rio de Janeiro: Pallas, 2018.